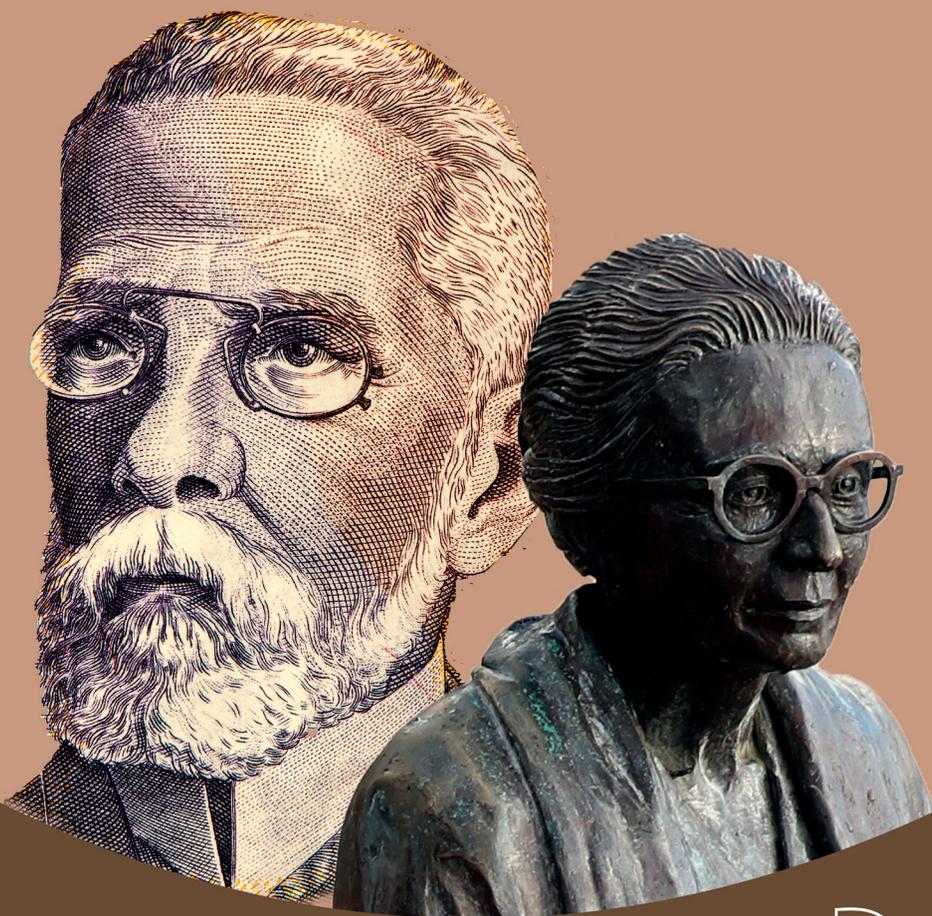


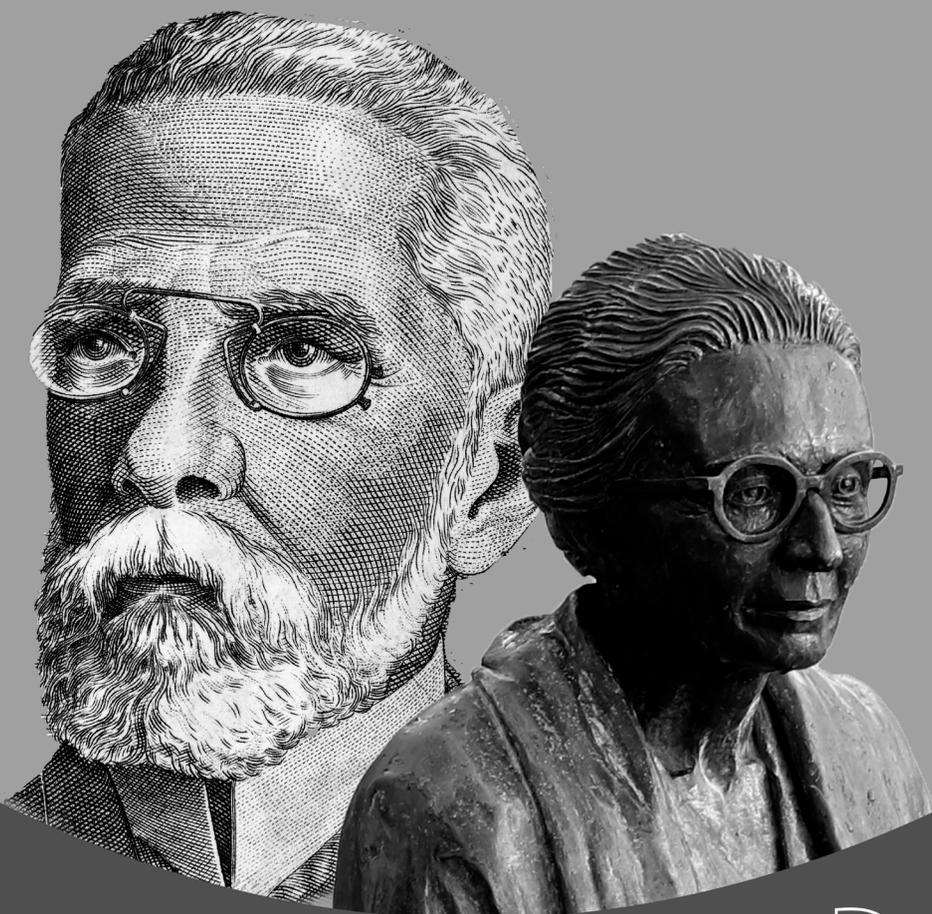
O Desenvolvimento Científico Contemporâneo da Psicologia no Brasil



Everaldo dos Santos Mendes
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

O Desenvolvimento Científico Contemporâneo da Psicologia no Brasil



Everaldo dos Santos Mendes
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

O desenvolvimento científico contemporâneo da psicologia no Brasil

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Everaldo dos Santos Mendes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D451 O desenvolvimento científico contemporâneo da psicologia no Brasil / Organizador Everaldo dos Santos Mendes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-841-0

DOI 10.22533/at.ed.410212302

1. Psicologia. I. Mendes, Everaldo dos Santos (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Shakespeare já sabia que os delírios têm sentido. Aludindo aos desvairados discursos de *Hamlet*, Polonius diz: “Desvario sim, mas tem seu método” (*Hamlet*, ato II, cena ii). Mas naturalmente os homens de ciência nunca escutam os poetas [...]”.¹

Testemunhei, nos últimos dolorosos dias da humanidade — assolados pela pandemia de coronavírus (COVID-19) — o surgimento de um escrito inédito: **O Desenvolvimento Científico Contemporâneo da Psicologia no Brasil**, talhado e esculpido na Atena Editora. Na sua composição mais íntima, contamos com a experiência, pesquisa e práxis pedagógica e esperança de docentes deste “vasto mundo” palavrado Brasil. É como diz João Cabral de Melo Neto, “[...] um galo sozinho não tece uma manhã [...]”.²

Possivelmente no outono de 1928, a fenomenóloga contemporânea alemã Edith Stein — discípula de Edmund Husserl — refletiu na conferência intitulada **Os Tipos de Psicologia e seu Significado para a Pedagogia (De Typen der Psychologie und ihre Bedeutung für die Pädagogik)** que se tomarmos em mãos os manuais de psicologia encontraremos dentro de um mesmo livro diversos capítulos que por objeto e método pouco têm em comum entre eles. Por “psicologia” são designadas direções de investigação muito distintas, procedentes de um modo paralelo desde a Antiguidade e dos quais predominou uma vez um, outra vez outro, de acordo com o momento. Historicamente, Edith Stein distingue três tipos fundamentais: [1] Psicologia metafísica: doutrina da essência da alma. [2] Psicologia empírica: doutrina dos fatos da consciência. [3] Caracterologia: antropologia prática.³

No “contrato social” estabelecido após a Revolução Francesa, o Estado conferiu à ciência o monopólio do fenômeno da loucura. Politicamente, o discurso psiquiátrico — falacioso (*doxa*) — fundou-se no controle da irracionalidade. No Estado de Minas Gerais (Brasil) — em nome da razão — pelo menos 60 mil seres humanos morreram entre os muros do Hospital Colônia de Barbacena, taxados de “loucos”:

[...] 70% não tinham diagnóstico de doença mental. Eram epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, gente que se rebelava, gente que se tornara incômoda para alguém com mais poder. Eram meninas grávidas, violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de fazendeiros as quais perderam a virgindade antes do casamento. Eram homens e mulheres que haviam extraviado seus documentos. Alguns eram apenas tímidos. Pelo menos trinta e três eram crianças.⁴

1 SILVEIRA, Nise. **Imagens do inconsciente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 100.

2 MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 345.

3 STEIN, Edith. Los Tipos de Psicología y su Significado para la Pedagogía. In: STEIN, Edith. **Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]**. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

4 BRUM, Eliane. Prefácio: os loucos somos nós. In: ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro: Genocídio** — 60 mil

No século XX, a Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962, regulamentou a profissão de psicólogo(a) no Estado brasileiro. Horizontalmente, aqui-agora, diante dos nossos “olhos de ver”, um tratado de psicologia, diversidade e contemporaneidade, que põe em cena textos sobre a formação-atuação — humanizada — de profissionais de psicologia, desvelada no século XXI. Por fim, #Colôniãuncamais!

Empaticamente,

Everaldo dos Santos Mendes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CLÍNICA PSICANALÍTICA NOS ESPAÇOS PSICOSSOCIAIS: REVISITANDO O CONTEXTO HISTÓRICO DA REFORMA PSIQUIÁTRICA

Alana Gândara de Jesus Ferreira

Danielle Ribeiro Cardoso

Malba Thaã Silva Dias

Henrique Andrade Barbosa

Carla Mendes Santos Teixeira

Laís Lopes Amaral

Laura Lílian Ferreira Silva

Vívian Ferreira Melo

DOI 10.22533/at.ed.4102123021

CAPÍTULO 2..... 9

A CONSTRUÇÃO DE JOGOS EDUCATIVOS NA DISCIPLINA DE NEUROFISIOLOGIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Beatriz Salles Seitz Ramos

Carla Waldeck Santos

DOI 10.22533/at.ed.4102123022

CAPÍTULO 3..... 21

A ESCUTA PSICANALÍTICA E SUA APLICABILIDADE NO CONTEXTO DE UMA INSTITUIÇÃO SOCIOEDUCATIVA: REPENSANDO A PRÁTICA COM ADOLESCENTES AUTORES DE ATOS INFRACIONAIS

Joicy Anne Silva

Gustavo Henrique Dionísio

DOI 10.22533/at.ed.4102123023

CAPÍTULO 4..... 35

A INFLUÊNCIA DOS PRINCÍPIOS CATÓLICOS NA MANIFESTAÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA

Bruna Benício Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.4102123024

CAPÍTULO 5..... 46

A INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR NA PREVENÇÃO DO BULLYING

Adelice Jaqueline Bicalho

Adriana Mara Pimentel Maia Portugal

DOI 10.22533/at.ed.4102123025

CAPÍTULO 6..... 55

A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E A COISIFICAÇÃO DO HOMEM: UMA BREVE ANÁLISE SOBRE O CENÁRIO BRASILEIRO

Marita Pereira Penariol

DOI 10.22533/at.ed.4102123026

CAPÍTULO 7	60
A PRODUÇÃO DE MASCULINIDADES EM PROCESSOS CRIMINAIS DA COMARCA DE MALLETT NA DÉCADA DE 60	
Mauro Tadeu de Cena Krampe Júnior	
Hélio Sochodolak	
Eduarda Bruna Reis	
DOI 10.22533/at.ed.4102123027	
CAPÍTULO 8	69
ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE AMBIENTE HOSPITALAR E ESTRESSE OCUPACIONAL	
Edina Daiane Rosa Ramos	
Zuneide Batista Paiva	
Mirtes Santos Oliveira	
Regiane Lacerda Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4102123028	
CAPÍTULO 9	79
AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NA SAÚDE DO ADOLESCENTE: OBESIDADE E CIRURGIA BARIÁTRICA	
Fernanda Gonçalves da Silva	
Luiz Carlos Bernardino Marçal	
Ana Carolina Carmo Fernandes	
Caroline Palmieri Sampaio	
Millena Duarte Rosa	
Vitória do Nascimento Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4102123029	
CAPÍTULO 10	91
INTERVENÇÃO LÚDICA DE MUSICALIZAÇÃO E JARDINAGEM COM CRIANÇAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Danielle Soraya da Silva Figueiredo	
Tatiele dos Santos Telaska	
Fernanda de Cassia Daneluti Gasparetto Schemuda	
DOI 10.22533/at.ed.41021230210	
CAPÍTULO 11	97
OFICINA COMO INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA DISCUSSÃO SOBRE SAIR DO TEMA DE PESQUISA	
Ricardo Pimentel Mélo	
Thiago Menezes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.41021230211	
CAPÍTULO 12	110
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA OS ESTUDANTES DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO PARA A INSERÇÃO NO ENSINO SUPERIOR	
Fernanda Lúcia Pereira Costa	
Fernanda Laleska da Silva Fernandes	

Iamara da Silva Pereira
Josefa Lucivânia Feitoza Gonçalves
DOI 10.22533/at.ed.41021230212

CAPÍTULO 13..... 119

O TRATAMENTO DA DEPRESSÃO E ANSIEDADE POR INTERMÉDIO DA HIPNOSE

Maria Márcia Soares
Débora Cunha de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.41021230213

CAPÍTULO 14..... 134

ABORDAGEM MULTIPROFISSIONAL DE VALORIZAÇÃO DA AUTOESTIMA E DO VÍNCULO MATERNO COM GESTANTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Danielle Soraya da Silva Figueiredo
Tatiele dos Santos Telaska
Fernanda de Cassia Daneluti Gasparetto Schemuda

DOI 10.22533/at.ed.41021230214

SOBRE O ORGANIZADOR..... 140

ÍNDICE REMISSIVO..... 141

CAPÍTULO 4

A INFLUÊNCIA DOS PRINCÍPIOS CATÓLICOS NA MANIFESTAÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA

Data de aceite: 17/02/2021

Bruna Benício Rodrigues

Psicóloga (USC-Bauru); Aprimorada em Psicologia Clínica (PUC-SP); Mestra em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem (UNESP-Bauru); Docente no Centro Universitário Toledo (Curso de Psicologia-Araçatuba)

O objetivo desse capítulo é discutir como os valores Católicos Cristãos distinguem o exercício sexual entre homens e mulheres e, especificamente, como implicam no exercício da sexualidade feminina a partir de uma análise histórico-cultural, buscando compreender nuances sobre a constituição e diferenciação dos gêneros femininos e masculinos a partir das crenças adquiridas por meio do contato interpessoal e religioso.

A partir daí, será possível verificar como os valores religiosos implicam nas práticas sexuais e como se estruturou a divisão dos gêneros em relação ao cortejo e comportamento sexual de homens e mulheres.

Desse modo, o capítulo terá como ênfase o debate histórico e político referente aos valores religiosos propagados no Brasil e contextualização com o sofrimento psicológico a partir de dois estudos de caso debatidos ao fim

do capítulo referentes aos atendimentos clínicos realizados pela autora durante o programa de pós-graduação condizente ao Aprimoramento em Psicologia Clínica.

Em um primeiro momento, iniciaremos discutindo como ocorre a constituição e interiorização dos valores religiosos de acordo com a Psicologia.

ALGUMAS PRERROGATIVAS

É importante entendermos o que significa o conceito de gênero antes de debatermos a sexualidade e sua correlação com a crença religiosa. Segundo Miskolci e Pelúcio (2017) este conceito diz respeito à interiorização de valores e regras sociais que distinguem os comportamentos considerados adequados aos homens ou mulheres. Diante disso, entende-se que gênero nada tem a ver com predisposições genéticas mas, ao contrário, se refere estritamente aos aprendizados sociais distintos que as meninas e os meninos recebem (MISKOLCI; PELÚCIO, 2017).

Os autores explicam que desde o nascimento ambos os sexos se deparam com um mundo já existente e composto por normas que regem o que é adequado ou não ao indivíduo de acordo com o seu sexo, isto é, o que se considera pertinente à figura masculina, não o é para a feminina e, com isso, as crianças vão se diferenciando de acordo com o gênero e

aprendendo qual comportamento é adequado para si e para o outro.

Para Rodrigues (2020) os termos gênero e sexo biológico se diferem em seu significado. Gênero seria todo o conhecimento que o sujeito adquire a partir dos aprendizados sociais e sexo biológico seria a influência genética que homens e mulheres recebem por meio da manifestação de hormônios que dão características físicas e emocionais específicas a cada um.

Por exemplo, o estrogênio e progesterona no corpo feminino proporcionam alterações durante o período pré-menstrual e menstrual que implicam em comportamentos e sentimentos específicos para as mulheres, podendo ocorrer desde a fome emocional, crise de choro ou tristeza e aumento ou diminuição da libido.

Mas vamos contextualizar os processos históricos que diferiram os gêneros masculinos e femininos para entendermos as condutas sexuais aprendidas socialmente...

De acordo com Busin (2011) em 1.500 com o descobrimento do Brasil, instalou-se por meio da colonização portuguesa o Catolicismo. A partir dos ensinamentos católicos que os portugueses repassaram a nós brasileiros lá em 1.500, ainda hoje grande parcela da população permanece devota a ele. O Catolicismo em pouco tempo passou a ser considerado a religião oficial do país e sua rejeição por parte de um cidadão implicava em sua exclusão e reprova social.

A autora aponta ser o Brasil o país que mais concentra fiéis Católicos atualmente no mundo devido ao processo histórico de colonização pelo qual passamos.

Neste ponto, podemos considerar a importância de debater a influência dos valores católicos nas crenças dos sujeitos já que é a religião mais popular em nosso país de acordo com a literatura.

Perante isso, Botero, Gardner, Kirby, Bulbulia, Gavin e Gray (2014) e Mikołajczak e Pietrzak (2014) advogam que os preceitos da Igreja Católica tiveram grande impacto ao contribuir para a diferenciação de condutas sexuais humanas devido ao posicionamento sexista que ditava diferenças relativas aos sexos, ou seja, que impunha que as condutas sexuais masculinas biblicamente deveriam ser diferentes das femininas.

Leeuw (2009), Connell e Messerschmidt (2013) e Serrano-Barquín, Serrano-Barquín, Zarza-Delgado e Vélez-Bautista, (2018) explicam que os comportamentos sexuais aprendidos por meio do convívio social são provindos de fatos históricos passados que interferem no presente, isso porque crenças e valores específicos são repassados durante inúmeras gerações às crianças que passam a considerá-los verdades inquestionáveis.

Dentre eles, existe segundo Miskolci e Pelúcio (2017) a constituição de gênero que representa a diferença social aplicada aos homens e mulheres, por meio de condutas considerados ideais a serem seguidas por cada um que, como mencionadas anteriormente, sofrem influência dos princípios religiosos.

Os autores explicam que a partir da linguagem simbólica a criança dá sentido aos valores ensinados pelos adultos e por outras crianças mais velhas. Diante disso, Polippo, Ferreira e Wagner (2016) defendem que a sexualidade e conduta sexual são os fatores que mais se diferem entre homens e mulheres.

Gozzo e colaboradores (2000) e Rigo, Saroglou e Uzarevic (2016) defendem que por razões culturais o sexo até pouco tempo era apenas considerado honesto caso se consumasse para fins de reprodução, de modo que o prazer era reprimido, por ser considerado moralmente condenável. Tal crença se atrelava aos princípios Católicos e se aplicava principalmente às mulheres, que quando crianças aprendiam a terem controle sobre seus instintos sexuais e a negar o prazer que seu corpo poderia lhe proporcionar.

Souza, Baldwin e Rosa (2000), explicam que no Brasil culturalmente os homens assumiram papéis diferentes dos das mulheres e os primeiros possuíam benefícios ligados única e exclusivamente ao seu sexo biológico. Os autores consideram que o sexismo histórico, isto é, que as diferenças sexuais aplicadas aos homens e mulheres estão correlacionados ao Catolicismo, uma vez que as figuras de seus santos são populares.

Desse modo, explicam que este eixo religioso propõe um modelo de mãe e mulher a ser seguido a partir da figura de Virgem Maria. Esse conceito contempla a mulher puritana, assexuada e dedicada ao lar. O modo de se referir à santa, como virgem, induz a uma determinada maneira de lidar com a sexualidade feminina propondo uma santidade prevista apenas às mulheres.

Lorentz (2008) acrescenta que:

No Cristianismo, a virgindade é um valor supremo para as mulheres e principalmente para as moças. A Virgem Maria é seu exemplo, seu modelo e sua protetora. A Virgem concebe pela “graça do Espírito Santo”, permanecendo imaculada. Ela é a mãe em toda sua plenitude, o protótipo de mãe perfeita que alimenta, carrega o filho, o acompanha, mas ela é somente mãe. A virgindade antes do casamento passa a ser um capital precioso e esperado; e o corpo das mulheres passa a estar em perigo (LORENTZ, 2008, p.58).

Monteleone (2019) aponta que no século XIX a sexualidade feminina foi cientificamente estudada por médicos e outros profissionais e apesar de alguns estudos considerarem que em seu corpo, assim como no masculino, haviam fontes de prazer e zonas eróticas, os estudos predominantes alegavam serem as mulheres assexuadas e defendiam que sua manifestação sexual deveria ser considerada anormal, uma vez que não seria um fenômeno natural. Os médicos emitiam laudos contra o uso da máquina de costura e alegavam que o movimento das pernas ao manuseá-la causava excitação sexual nas mulheres e, portanto, deveria ser abolida.

Segundo Dantas (2010) nesse período, médicos renomados enfatizavam que o coito poderia abalar a saúde física e mental das mulheres por serem desprovidas de desejos

sexuais e os profissionais prescreviam o envolvimento em práticas religiosas para aquelas que demonstravam de alguma forma sua sexualidade.

Percebam que todos esses desdobramentos mencionados até o momento tem implicações diretas com as crenças da religião católica propagadas a partir da colonização do Brasil, uma vez que os portugueses ensinaram seus valores aos brasileiros de modo imponente, ou seja, impunham suas crenças como uma verdade absoluta inquestionável.

Continuando a falar sobre os princípios católicos ensinados, Serrano-Barquín, Serrano-Barquín, Zarza-Delgado e Vélez-Bautista (2018) explicam que a partir deles, culturalmente o corpo feminino foi erotizado e apresentado em forma de tentação aos homens, que ao responderem aos seus instintos sexuais cometiam o pecado carnal.

A nudez feminina foi apresentada como sedutora, diferentemente da masculina e o sistema capitalismo lucrou ao vender revistas eróticas femininas. A Igreja Católica associou o pecado mundano ao corpo feminino, entendendo-o como uma profanação promíscua. Isto é, sua sensualidade é o que leva o humano a cometer o pecado. O cabelo também foi moralizado e houveram épocas em que a pureza e virgindade feminina estava atrelada a sua cobertura (SERRANO-BARQUÍN; SERRANO-BARQUÍN; ZARZA-DELGADO E VÉLEZ-BAUTISTA, 2018).

Como exemplo a ser seguido pelas mulheres, está o estereótipo emitido pelas freiras que cobrem o cabelo com um véu. Com isso, em tempos passados caso o cabelo da esposa fosse descoberto em público, seu marido tinha o apoio da Igreja Católica para se divorciar, já que esse fenômeno era considerado uma traição. Seus preceitos apoiavam o patriarcalismo e pregavam que apenas a mulher isenta de sexualidade deveriam ter prestígio social, assim como preconizava que a esposa deveria ser submissa ao marido (SERRANO-BARQUÍN; SERRANO-BARQUÍN; ZARZA-DELGADO E VÉLEZ-BAUTISTA, 2018).

A cor do cabelo também implicou em segregação e exclusão no passado em função dos valores religiosos. A figura de Maria Madalena foi historicamente considerada pecadora e por ter cabelos ruivos, misticamente a sociedade incluiu na cultura que as ruivas deveriam ser consideradas bruxas, única e exclusivamente devido a cor dos cabelos. Judas Iscariotes por ter sido considerado traidor e também ter cabelos ruivos, contribuiu ainda mais para a propagação do preconceito aos que tinham cabelo vermelho. Apenas em meados do século XIX desmistificou-se a exclusão dos ruivos (SERRANO-BARQUÍN; SERRANO-BARQUÍN; ZARZA-DELGADO E VÉLEZ-BAUTISTA, 2018).

A criação de projetos de Políticas Públicas aplicados à comunidade seria o meio mais eficaz para diluir a diferenciação sexual entre os gêneros, vivenciada até hoje segundo Silva (2015).

O autor pontua o quão o regime militar dificultou os projetos feministas, período em que diante de um cenário conservador e moralista, as mulheres estavam dispostas a reivindicar e debater questões relacionados ao exercício da própria sexualidade, métodos

anticoncepcionais e direitos sociais.

A Igreja Católica apoiou a repressão do governo em prol dos princípios morais que tinha o interesse de conservar para se manter no poder em relação ao domínio do comportamento dos cidadãos. Desse modo, as instituições Cristãs se posicionaram contra os projetos feministas que preconizavam a liberdade sexual e o replanejamento familiar, visando dar maior abrangência ao conceito de família (SILVA, 2015).

Diante disso, compreende-se que os valores Católicos tiveram grande influência histórica na sexualidade humana e destacar que as reivindicações contrárias a ele tiveram visibilidade somente a partir de 1.975 de acordo Alves e Alves (2013), é importante para compreendermos que há apenas 45 anos estamos questionando os valores impostos que distinguem a sexualidade masculina da feminina (RODRIGUES, 2020).

Para Rodrigues (2020) é cobrado um comportamento assexuado das mulheres e hipersexuado dos homens.

Quando nos referimos ao comportamento assexuado em relação às mulheres, a autora explica que queremos dizer que a sociedade erroneamente considera que elas são isentas de sexualidade e quando há algum tipo de manifestação sexual feminina, esta é julgada como inviável e inadequada.

Os homens, ao contrário, são cobrados a exercerem sua sexualidade constantemente e com variadas parceiras independente de sua vontade, isto é, para serem associados ao gênero masculino e receberem prestígio social devem manifestar constantemente o desejo sexual por diferentes mulheres, sendo esta a definição de cobrança social hipersexuada em relação aos homens (RODRIGUES, 2020).

RELIGIÃO E PSICOLOGIA

Psicologia e religião, segundo Zacharias (2010) são áreas que apresentam profunda relação no contexto de atendimento clínico, pois muitas vezes dizem respeito a realidade do paciente e podem ser um assunto abordado por ele em *setting* terapêutico.

Para o autor, uma não invalida a outra, pois ambas são necessárias para a compreensão da totalidade do sujeito e o terapeuta diante disso, deve atuar com base científica, fundamentando-se na ciência psicológica para dialogar com as crenças e experiências de seu paciente.

Para Silva (2014) a partir da linguagem simbólica o sujeito passa a interiorizar e dar sentido ao que aprende e, então, surge o valor emocional atribuído à religião e seus princípios.

Ter a linguagem simbólica significa ser capaz de representar o que não está presente e transcender um comportamento para diversas situações, proporcionando o conhecimento sobre o que é certo ou errado.

Merleau-Ponty (1994) alega que muitas vezes sem um posicionamento crítico, os

indivíduos reproduzem determinada crença social religiosa como se fosse uma verdade inquestionável e agem conforme o esperado pela sociedade.

Diante disso, é possível observar que ao longo da história brasileira, a religião esteve presente como explicação para diversos fatos e acontecimentos e indiretamente propõe um futuro predeterminado em um “plano divino”, de modo que o devoto se coloca em um conformismo para com sua própria sorte e não assume a responsabilidade por seu próprio destino.

Ao contrário, atribuem os fatos ocorridos à vontade divina e, desse modo, passa a se eximir de sua responsabilidade de escolha, assumindo uma posição passiva.

ESTUDOS DE CASO...

Caso 1

A paciente durante a infância foi adotada por uma família que justificou a adoção em função de uma missão religiosa. Durante a infância os pais adotivos ensinaram os princípios cristãos à filha, mas esta optou por ser atea e a família respeitou sua escolha.

Ao terminar o colegial, a paciente foi aprovada no vestibular e decidiu morar no alojamento da faculdade que iria cursar, procurando uma liberdade que não encontrava na casa dos pais. Diante disso, querendo autonomia e diversão, se envolveu com drogas e por vezes em diversas práticas sexuais, inclusive grupais.

Nesse período após uma noite de festa, ela teve relação sexual com um aluno da universidade e engravidou naquele único ato. Ao descobrir ficou assustada, mas a princípio optou por ter esse filho.

Quando tentou dar a notícia ao pai da criança, o mesmo não foi receptivo e negou a paternidade alegando que ela mantinha frequentemente relação sexual com diversas pessoas.

Com a falta de apoio do rapaz e acreditando que a família não apoiaria um filho sem uma união estável devido aos princípios da igreja, se viu sem condições de ter esse filho sozinha e realizou um aborto.

Após graduada, voltou a residir com os pais adotivos e então por um descuido acabou revelando a sua família o aborto cometido. Desde então, mesmo tendo se passado mais de dez anos após a realização do aborto, seus pais a lembram recorrentemente da morte que a paciente havia provocado (aborto do filho).

Durante o processo terapêutico, a paciente relatava um sentimento de culpa pelos atos e os associava com uma concepção sobre o que é ser uma mulher de respeito, diferentemente da concepção sobre o que é ser um homem de respeito, construídas e aprendidas por meio do convívio social.

Se considerava impura e imoral por ter se relacionado sexualmente com diversos parceiros e se denominava uma aberração social por ter expressado sua sexualidade de

forma explícita, atribuindo valores puritanos e assexuados a uma mulher considerada respeitável socialmente.

Diante disso, observa-se a influência social e religiosa acerca da moral e bons costumes e da conduta esperada por uma mulher que se refletiram na paciente mesmo não crendo na divindade, pois apesar de não frequentar a igreja, por meio da rede social em que convivia, interiorizou os valores culturais daquele local, dentre eles a moral religiosa.

O *setting* terapêutico nesse caso se transformou em um lugar para que terapeuta e paciente pudessem conversar sobre esses acontecimentos e juntas questionarem se seriam todos os expostos da igreja uma verdade inquestionável e o que significaria o pecado para ela, tentando rever sua história de vida e os valores aprendidos.

Reflexões acerca da conduta da igreja foram retomadas e indagadas junto à paciente. Com o acolhimento e a abertura sem julgamentos da terapeuta, ela pode aos poucos dar um novo significado aos acontecimentos (ressignificar o aborto e práticas sexuais que participou) e não mais compactuar com os valores sociais que cobram a castidade feminina mas, ao contrário, passou a respeitar a existência de sua sexualidade e desejo sexual.

Desse modo, considera-se que o terapeuta ter conhecimento sobre os fatos históricos e seus desdobramentos referentes à sexualidade e princípios religiosos que a regem é imprescindível para proporcionar um trabalho terapêutico livre de julgamentos e normas sociais.

Caso 2

Durante o processo terapêutico a paciente se definiu como namorada em sua juventude e por residir em uma cidade pequena logo começaram os comentários a respeito de sua reputação.

Durante a infância os “bons modos e costumes” foram a ela ensinados. Possuía um pai rigoroso que batia para educar. Era a única filha entre vários irmãos do sexo masculino. A paciente no momento da terapia tinha meia-idade, estava atualmente desempregada e com problemas financeiros, solteira e sem nenhum familiar ou amigo a quem pudesse recorrer. Se sentindo solitária, procurava explicações e uma resposta por se encontrar no presente momento insatisfeita com sua própria vida, sem alguém em quem confiar e vivendo precariamente em relação à condição financeira.

Durante a terapia, alegava que a vida sexual ativa que levou no passado era a explicação por se encontrar no presente em uma situação difícil. Enfatizava já ter se relacionado com um homem casado, afirmando estar passando por um castigo divino no momento por ter exercido sua sexualidade de modo “inadequado” segundo suas crenças.

Com o processo terapêutico foi possível observar e analisar junto à paciente as escolhas feitas por ela durante o seu percurso vital, as quais contribuíram em grande proporção para a atual situação em que se encontrava, para que pudesse compreender as escolhas passadas e repensar as futuras que contribuirão para o desenrolar dos acontecimentos.

Assim, aos poucos foi possível desmistificar sua crença religiosa relacionada à predestinação e predeterminação e a paciente passou a entender-se como participante responsável de sua vida.

Diante disso, considera-se que ter conhecimento sobre os mitos sociais propagados por meio da religião são necessários para intervir em *setting* terapêutico de modo a promover a consciência de liberdade e escolha por parte do paciente, o fazendo se responsabilizar por sua própria vida e desenrolar dos fatos.

Discussão dos casos...

Diante dos atendimentos dos casos discutidos foi possível perceber como a religião influenciou a sexualidade das mulheres, que a entendiam como pecado e atribuíam um momento difícil em que estavam passando no presente como um “pagamento” do que consideravam ser uma profanação cometida no passado, seja por ter tido vários namorados ou ter se envolvido em práticas sexuais pouco aceitas culturalmente, como é o caso do sexo grupal.

No entanto, de acordo com a ciência psicológica não se tem um destino predeterminado em âmbito algum, sequer divino (POMPEIA; SAPIENZA, 2011).

Com isso, apesar de ser vetado ao terapeuta expressar sua própria manifestação religiosa em *setting* terapêutico, é necessário compreender a relação existente entre a psicologia e religião sob a perspectiva científica para atuar criticamente junto à problemática religiosa do paciente, isto é, conhecendo o processo histórico sobre como se constituiu e fundou a religião, é possível abstrair as imposições culturais compreendidas como inquestionáveis pelo senso comum que contemplam vários aspectos, dentre eles o exercício da sexualidade (ZACHARIAS, 2010).

Leeuw (2009) reforça que a crença religiosa não se manifesta por um impulso individual em que o indivíduo por si só rege seus princípios, mas, ao contrário, é em contato com o meio social que ele a constitui e separa dicotomicamente comportamentos considerados certos ou errados (BOTERO; GARDNER; KIRBY; BULBULIA; GAVIN; GRAY, 2014).

Souza, Baldwin e Rosa (2000) advogam que as diferenças referentes à prática sexual ocorreram devido aos processos culturais de formação da religião católica tendo em vista a domesticação dos indivíduos pertencentes a determinada cultura. Assim, considerou-se que as mulheres eram isentas de prazer sexual e aquelas que o manifestasse de alguma forma deveriam serem consideradas impuras e anormais, bem como participarem de uma reabilitação, tendo a internação como uma das opções. Esses comportamentos considerados inapropriados eram diagnosticados inclusive por médicos, de modo a se constatar que a religião teve implicações também na ciência de maneira indireta.

Culturalmente muitos sujeitos atribuem a explicação de diferentes fatos à religião.

Assim, acreditam que o futuro está escrito em uma instância divina e que são fadados a viver em determinada condição, como foi o exemplo do estudo de caso 2 em que a paciente atribuía toda a desgraça vivenciada no presente devido ao comportamento sexual liberal executado no passado.

Do mesmo modo, as pacientes consideravam que passavam por uma experiência aversiva quando tinham cometido algum pecado no passado e então, Deus os fazem pagar por isso em forma de algum tipo de sofrimento. Com isso, se eximem da responsabilidade sobre a própria vida.

Diante disso, a terapia possibilita ao sujeito perceber sua contribuição para a situação em que se encontra e assumir a responsabilidade por seu presente e futuro, ao invés de apenas lamentar e considerar que não há possibilidade de mudança por estar fadado de algum modo (EVANGELISTA, 2013; JARDIM, 2013).

Portanto, a psicoterapia surge muitas vezes como um espaço importante para o paciente expressar suas crenças, dores, medos, preocupações e angústia diante do que foi aprendido. Assim, o conhecimento da formação dos valores e regras sociais de um modo geral, dentre eles o religioso, é imprescindível para a compreensão do ser e apreensão dos fenômenos e sofrimentos particulares.

Também conhecer a história dos acontecimentos e a constituição teórica sobre indeterminação do homem, proporciona uma reflexão desmistificadora junto ao paciente.

Em suma, foi possível intervir terapeuticamente nos casos em questão com o propósito de proporcionar uma reflexão sobre o que era considerado inquestionável, romper o paradigma que prega que a própria vida já está escrita em um plano superior e prosseguir em busca da autenticidade das pacientes.

Nos outros pacientes atendidos, percebeu-se uma tendência a atribuir um momento difícil em que estavam passando no presente, como um pagamento de pecados cometidos no passado, por terem descumprido regras e padrões religiosos.

RELIGIÃO, SEXUALIDADE E PSICOTERAPIA

Diante disso, a psicoterapia surge como um espaço isento de julgamentos em que o terapeuta está aberto para escutar a história de vida do paciente em sua singularidade e peculiaridade, com um olhar livre de julgamentos sociais.

Assim, o conhecimento sobre a formação dos valores e regras religiosas é imprescindível para a compreensão do sofrimento referente aos papéis de gênero sexuais e apreensão das angústias individuais.

Também conhecer a história dos acontecimentos e a constituição teórica sobre indeterminação do homem, proporciona uma reflexão desmistificadora junto ao paciente já que a psicologia não compreende o homem como predeterminado ou como já destinado a viver e passar por situações específicas devido ao fato de possuir uma história pronta e

escrita, como se considera no âmbito religioso.

Para a Psicologia, o ser humano se caracteriza pela liberdade de escolha em relação às suas atitudes, isto é, determinada escolha vai desencadear acontecimentos específicos diferentes daqueles que teriam se desencadeado se outra escolha fosse tomada (POMPEIA; SAPIENZA, 2011).

Ou seja, o humano se caracteriza pela condição de não ser predeterminado uma vez que tem a liberdade de escolha. Dessa forma, a liberdade é uma condição, não sendo possível existir sem realizar escolhas uma vez que a raça humana possui consciência e raciocínio abstrato.

Assim, não há como recusar a escolha, porque a fuga dessa opção já constitui uma escolha (a escolha de submissão) e é nesse sentido de podermos escolher o que fazer que não somos predestinados ou fadados a um futuro já definido.

REFERÊNCIAS

BOTERO, C.; GARDNER, B.; KIRBY, K.; BULBULIA, J.; GAVIN, M.; GRAY, R. The ecology of religious beliefs. *Proceedings of the national academy of sciences of the united states of America*, n. 111, v. 47, p. 16784–16789, 2014.

BUSIN, V. M. Religião, sexualidades e gênero. *Revista de Estudos da Religião*, v. 11, n. 1, p. 105-123, 2011.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista de Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

DANTAS, B. S. A. Sexualidade, cristianismo e poder. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 10, n. 3, p. 700-728, 2010.

EVANGELISTA, P. E. R. A. A Daseinsanalyse de Medard Boss: medicina e psicanálise mais correspondentes ao existir humano, p.139-157. In: EVANGELISTA, P. E. R. A. (org.). *Psicologia fenomenológico-existencial: Possibilidades da atitude clínica fenomenológica*. 1. ed. Rio de Janeiro: Viaverita, 2013.

GOZZO, T. O.; FUSTINONI, S.M.; BARBIERI, M.; ROHER, W. M.; FREITAS, I. A. Sexualidade feminina: compreendendo seu significado. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 8, n. 3, p. 84-90, 2000.

JARDIM, L. E. F. Compreensão e ação na clínica Fenomenológica Existencial, p.45-74. In: EVANGELISTA, P. E. R. A. (org.) *Psicologia fenomenológico-existencial: Possibilidades da atitude clínica fenomenológica*. 1. ed. Rio de Janeiro: Viaverita, 2013..

LEEuw, G. V. A religião em sua essência e suas manifestações. *Revista da Abordagem Gestalt*, v. 15, n. 2, p. 179-183, 2009.

LORENTZ, M. *Só podia ser mulher: as relações de gênero no trânsito*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Departamento de Pedagogia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2008.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MIKOLAJCZAK, M.; PIETRZAK, J. Ambivalent sexism and religion: connected through values. *Sex Roles*, v. 70, p. 387-399, 2014.

MISKOLCI, R.; PELÚCIO, L. Gênero, sexualidades e mídias contemporâneas: do pessoal ao político. *Revista de Estudos Feministas*, v. 25, n. 1, p. 263-268, 2017.

MONTELEONE, J. M. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: o trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). *Revista de Estudos Feministas*, v. 27, n. 1, p. 1-11, 2019.

POLIPPO, P. M.; FERREIRA, V. R. T.; WAGNER, M. F. Produção científica brasileira sobre psicologia evolucionista. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 9, n. 2, p. 277-289, 2016.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. *Os dois nascimentos do homem: Escritos sobre terapia e educação na era da técnica*. 1. ed. Rio de Janeiro: Viaverita, 2011.

RIGO, C.; SAROGLU, V.; UZAREVIC, F. Make love and lose your religion and virtue: Recalling sexual experiences undermines spiritual intentions and moral behavior. *Journal for the Scientific Study of Religion*, v. 55, n. 1, p. 23-39, 2016.

RODRIGUES, B. B. *O comportamento sexual é aprendido? A diferença entre homens e mulheres no uso dos aplicativos de relacionamento*. Editora Appris, 2020.

SERRANO-BARQUÍN, C.; SERRANO-BARQUÍN, H.; ZARZA-DELGADO, P.; VÉLEZ-BAUTISTA, G. Estereótipos de gênero que fomentan violencia simbólica: desnudez y cabellera. *Revista de Estudos Feministas*, n. 26, v. 3, p. 1-14, 2018.

SILVA, J. B.; SILVA, L. B. Relação entre Religião, Espiritualidade e Sentido de vida. *Revista Logos e Existência*, v. 3, n. 2, p. 203-215, 2014.

SILVA, E. F. Metodologia feminista e direitos reprodutivos no Centro de Saúde Santa Rosa, Niterói (RJ). *Saúde e Poder*, v. 39, n. 106, p. 893-903, 2015.

SOUZA, E.; BALDWIN, J.; ROSA, F. H. A construção social dos papéis sexuais femininos. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 13, n. 3, p. 485-496, 2000.

ZACHARIAS, J. J. M. Ensaio sobre psicologia e religião: uma questão do olhar. *Psicólogo InFormação*, v. 14, n. 14, p. 171-180, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 21, 22, 24, 30, 33, 79, 80, 81, 86, 87, 88, 89, 90, 107, 110, 113, 114, 115

Adolescentes 21, 22, 23, 24, 25, 27, 31, 33, 47, 48, 52, 79, 80, 81, 82, 87, 88, 89, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 110, 111, 112, 115, 116, 119, 121

Agenciamento 6, 7, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 105, 106, 107

Ambiente Hospitalar 69, 70, 71, 72, 75, 76

Ansiedade 48, 71, 84, 85, 119, 120, 121, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133

Aprendizagem 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 19, 20, 35, 47, 50, 51, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 123

Avaliação psicológica 18, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 89, 90

Avanço Tecnológico 111

B

Bullying 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 81

C

Catolicismo 36, 37

Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) 2

Classificação Internacional de Doenças (CID-10) 126

Coisificação do homem 55, 57

Comportamento Infantil 91

Conjuntura Sócio-Política Brasileira 56

Conselho Nacional da Saúde 10

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) 10

Criança 5, 18, 26, 28, 30, 31, 33, 37, 40, 49, 53, 81, 92, 93, 97, 98, 99, 103, 104, 108

Crise do trabalho 55

Cristianismo 37, 44

D

Depressão 48, 50, 52, 54, 71, 82, 84, 85, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 130, 131, 132, 133

Diagnóstico Organizacional 69, 72

Distúrbios 71, 77, 85, 86, 124

Doenças 71, 77, 78, 81, 88, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126

DSM-V 127

E

Ensino 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 50, 51, 52, 78, 91, 92, 93, 95, 96, 110, 111, 114, 115, 117, 118

Estresse 48, 57, 69, 70, 71, 72, 77, 78, 87, 90, 120, 126

F

Franco Basaglia 2

G

Gênero 35, 36, 39, 43, 44, 45, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 82, 119

H

Hipnose 119, 120, 121, 122, 123, 129, 130, 131, 132, 133

I

Igreja 36, 38, 39, 40, 41

J

Jogos educativos 9, 11

Jornada Mundial de Saúde Mental 120

L

Liberdade 1, 2, 12, 21, 22, 23, 24, 39, 40, 42, 44, 49, 58, 61, 63, 112

Loucura 5, 1, 2, 3, 5, 30, 56

Ludicidade 92

M

Maria Madalena 38

Masculinidade 44, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68

Metodologias Ativas 9, 11, 12, 16, 18, 19

Ministério Público 22

Musicalização 91, 94, 95

N

Neurofisiologia 9, 11, 14, 16, 17, 18, 19

O

Obesidade 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 88, 89, 90

Oficina 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107

Orientação Profissional 110, 112, 113, 115, 116, 117, 118

P

Políticas Públicas 38, 55

Precarização do trabalho 55, 56, 57

Prevenção 46, 47, 49, 50, 51, 53, 54, 81, 88

Processos-crime 60, 61

Produção de humanização 55

Profissional da área de saúde 69

Psicanálise 1, 2, 3, 7, 8, 21, 27, 29, 31, 32, 33, 34, 44, 123, 133

Psicofísica 10

Psicologia 2, 5, 6, 2, 4, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 33, 34, 35, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 50, 51, 54, 69, 72, 76, 79, 83, 86, 89, 90, 96, 107, 108, 109, 110, 117, 118, 119, 121, 133, 140

R

Reforma Psiquiátrica 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7

S

Saúde Mental 1, 3, 5, 6, 7, 8, 23, 28, 80, 88, 120, 125

Sistema Único de Saúde (SUS) 13

O Desenvolvimento Científico Contemporâneo **da Psicologia no Brasil**

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

O Desenvolvimento Científico Contemporâneo **da Psicologia no Brasil**

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021